CÓDIGO A8 (entrevista)

ENTREVISTADOR: Sua idade

ENTREVISTADO: Eu sou de, como é que é, eu sou de 61 anos né, nasci em 59, 08/07/59,

ENTREVISTADOR - Tem duas filhas, quais as idades delas?

ENTREVISTADO - Uma tem 35 e a outra 31.

ENTREVISTADOR - As meninas saíram para estudar, é isso?

ENTREVISTADO – Foi foi. Foi para o Rio Grande do Sul, em Santa Maria.

ENTREVISTADOR - E as duas retornaram pra trabalhar aqui?

Uma trabalha no Reca e a outra na Emater, e também trabalha no RECA, porque faz o trabalho de parceria, e a que está no RECA está diretamente, e da Emater e também trabalha no RECA, porque a Simone trabalha com a questão da pupunha,e como Emater, nós temo o convênio.

ENTREVISTADOR - O senhor falou a origem da sua família, vocês vieram do Sul, certo:

ENTREVISTADO – Rio grande do Sul e ela (esposa) veio de Santa Catarina, mas a gente se conheceu aqui, o pai trouxe ela aqui, e foi embora e largou ela aí, aí eu tive o direito de criar ela, rsrrsr, tinha 15 pra 16 anos. Então as meninas (filhas) são acrianas, bom uma nasceu em Rio Branco, a Simone, e a Simara nasceu aqui, mas tá registrada como Nova California – Rio Branco – Acre, aqui era uma confusão, na lei no documento dela é Nova California – Rio Branco – Acre, mas hoje não é mais.

ENTREVISTADOR - A família vive aqui há quanto tempo?

ENTREVISTADO - eu chequei, eu mermo cheguei na época foi em 58, nasci em 59, em 78 cheguei aqui, isso faz... ela chegou em 82.

Aqui o senhor diz em California mesmo,

ENTREVISTADOR - E aí o senhor já começou a trabalhar em 78 aqui?

ENTREVISTADO – quando nós cheguemo aqui era tudo madeira, não tinha outra, era madeira e não tinha o que fazer, nós quando cheguemo pra mexer com soja, cheguemo aí nem começa, eu e outro rapaz, o Irineu. Aí feijão, arroz, plantava e não tinha pra quem vender, como se não tinha estrada, nem asfalto, daí madeira que falou mais alto. Era só isso que tinha, ou trabalhava com madeira ou passava fome, não tinha, boi quase não existia, ias vender, criar 100 boi aqui e não tinha pra quem vender, porque era quase 4, 5 familia aqui, não tinha. Era foi, então os frigoríficos de Rio branco tudo pequenino na época, era só boi retório lá.

ENTREVISTADOR - Hoje sua área de propriedade

ENTREVISTADO – aqui tem, essa área aqui tem 18, 19 hectares e tem uma outra que emendou ali, porque sobe, só que ali era uma área que o INCRA, a gente onde vai, pega um pouco um pedaço da vila ainda, o cemitério tá no meu nome, ela foi doada para a vila, né , mas daí hoje daí sobrou, vai dar 25 hectare, junto aqui, né. Daí eu tenho um outro aplicado, mar ainda o índio devolveu um pedaço, de despois dividi, aí o contrato deles, eles não assumiram bem, puquê, foi doado pra alguém, pras pessoas, não pudia vender, eles teria que ou devolver pro

INCRA, ou devolver pra mim, né. Só que a turma foi vendendo já, vender podia vender porque era minha né. Daí o que sobrou um pedacinho ainda, eu falei não, esse aqui não dá nessa situação não, daí outra área que já é fora, onde é pastagem, aqui é plantio, mas praticamente 20 hectare 15 hectare de plantio né. Tem uns matinho aqui ainda né.

ENTREVISTADOR - No caso a sua atividade principal é?

ENTREVISTADO – Plantio, aqui mas é cupuaçu, ocuparia tudo né, cupuaçu, açaí,

ENTREVISTADOR - A sua mão de obra é contratada ou familiar?

ENTREVISTADO – Ela é nós memo, e tem um rapaz que trabaia por porcentagem, a parte do do cupuaçu, eu do a porcentagem pra ele, ele tira a vassoura, colhe, e roça tudo, alguns chamam de meeiro, mas eu dou 30% a ele, pra ele deixar, leva com carreta de trator, tem tudo né ele deixa, é ele tem uma porcentagem. Interessa mesmo faz que com tratores aí não tem mais muito o que fazer também agora eu já trator na média de 4 dias, pega lá na ponta e vou até na ponta com trator, faz, então agora não descansa né, vai começar a mexer agora fim do mês agora a primeira limpeza, quatro dias começa lá em baixo tá em cima aí os meninos já vem atrás com roçadeira manual, as costal. Já vai limpando aí fica até chegar a safra mesmo daí quando eu chegar, daí quando começar a cair, a gente faz mais uma limpa. Daí colhe, e despois só no fim da safra dá uma limpra para passar o verão, é 3 limpazinhas.

ENTREVISTADOR - A sua relação com o mercado ela é só via reca ou só tem alguma outra atividade?

ENTREVISTADO – O ramotân mermo é já direto para o mercado, a gente tem contrato com o Araújo, o meu vai tudo para Rio Branco. Tem lá um vizinho ali que vai pra Porto Velho, o meu já vai pra Rio Branco, antigamente eu mandava prum lado pro outro, não agora um vai prum lado e o outro vai pra outro, fica mais fácil né. Ficou ele para lá. aí tem um negócio aí que vende no RECA, mas tem gente de fora muitas vezes vem buscar também né ... e já muitas vezes o cara vem com tirador mesmo chega aqui o cara já só tira mesmo detardinha já vai embora.

ENTREVISTADOR - Além do plantio o senhor tem outra atividade remunerada?

Tem uma pessoa que sobe?

ENTREVISTADO – Tem é. Daí eu dou porcentagem também. Dou porcentagem pra ele escolher (Léo –tem que ser magrinho né não dá pra ser gordo não né) (esposa – tinha um senhor de 64 anos que subia) Ele faleceu, deu probrema né, mars ele trabalhou comigo ali de meeiro , fez uns 5 ou 6 anos, mas tem 12 que ele tirava, desde os 50 anos que ele começou, tirava Açaí seu Manuel, e ele era de manhã e a noite não tinha, ele trazia os netos junto, pra ajudar, mas os moleque era novo de 17, 18 anos não aguentava com ele não, ele era devagar, mas o dia inteiro seguro ... quando via ele tava lá em cima , a turma reclamando do pé, a não sei o quê, daí ele ria lá só, é prática não adianta, é prática, e ele desde criança ele também fazia isso

ENTREVISTADOR - – se colocar a gente para subir a gente não sai do chão.

ENTREVISTADO – Foi um americano que vei com você num domingo, e nós armocemo aqui né, que foi americano que chegou, nós tinha um pé de açaí bem aqui, esse aí ó, que eu tinha medo do vento me arrancar. Ele tava aí, sentado, ah eu subo , ele nunca tinha subido parece, pegou foi pumpum, subiu, olhemo um pro outro, hum o cara subiu lá em cima sem pregoi, sem nada, um loiro meio, mas ele era corpado, mas subiu, subiu lá em cima

ENTREVISTADOR - Algum membro da família recebe auxílio do governo? Aposentadoria ou pensão?

ENTREVISTADO – Não não, agora ela (esposa) se aposentou agora, já está recebendo, desde mês 2 né, começou a receber agora, mas mês 2 que deu entrada, mas só começou a receber agora, mas ai veio o atrasado, mas eu sou muito novo ainda, rsrsr

ENTREVISTADOR - Vamos falar sobre a produção, sobre a sua chegada – então quando o senhor chegou, o senhor já falou que começou trabalhando com madeira que era a única coisa que tinha . Como que foi esse processo da madeira, depois, como que chegou até a questão. O senhor já tinha experiência de agricultura no Sul?

ENTREVISTADO – Sim. Nosso familiar era alemão, vinha da Alemanha, eles eram da colônia de lá, vieram para o Rio Grande do Sul e trabalhavam na colônia também direto, e eu nasci e migrei nas colônias lá na fronteira com a Argentina ali, daí passei 17 para 18 anos no Paraná, meu irmão ali, e aí fui lá pra jogar bola, joguei no campeonato do Paraná ali, fui pá ali, só que troquei o futebol, meu primo e irmão continuou jogar foi pro inter, cruzeiro, jogou na seleção e aí ele aposentou né, e eu vim pra cá, e fui jogar na mata mermo. (Qual o nome do seu primo?) Ademir Kaiffer, ele jogou no Flamengo no Rio, jogou no Cruzeiro, e ele tem uma fazenda hoje lá em Minas, e ele jogou em 84 na seleção, e eu vim pra cá, na merma época, ele jogou no dolendon e foi jogar no Inter, logo em seguida, no inter jogou só um jogo, e dái foi no Flamengo, mas só que naquela época, não se ganhava muito dinheiro, naquela época, ele ganhou dinheiro porque o pai dele também já tinha e ele começou a investir um dinheirinho na fazendo e hoje tá bem né, mas (ENTREVISTADOR - futebol em si não era o que é hoje, né), naquela época não, hoje.

ENTREVISTADOR - Mas então como foi esse processo de você, começou com a madeira e depois?

ENTREVISTADO – Começou com aquele povo chegando pra cá em 84, 85, aquele processo do pessoal vindo, vindo e a ideia surgiu em 87, 88, aquele período o que fazia o que não fazia... aí vou planta, daí todo mundo foi inventar alguma coisa, até que foi plantar era várias coisas foi começada, urucum. (nessa época, o senhor já tinha essa propriedade?) Já tinha, isso aqui, mas ali pra baixo, era mais umas capoeirinha, tinha derrubado, eraa um cara que veio, derrubou e ficou. O cara também veio do Sul e derrubou e não sabia o que fazer, aí foi feito, reaproveitando a quiçaça, eu lembro que chegou daí a ideia de plantar, fazer inventar, aí foi conversar o dom Moacir que é o finado dom Moacir, daí onde surgiu essa ideia de ter que fazer um projetinho aí aquilo foi, demorou aquilo foi uma, é continuei com a madeira, e aí eu já, é que a gente falava tinha 3 equipe ali na California, tinha a equipe do do baralho, do futebol, e a equipe da da de rolo, fazia aqueles rolos, sabe que comia, que trocava. E eu fazia parte dos três, era do baralho, era

do futebol, que era novo naquela época, era do baralho, era do futebol e também fazia uns rolinho ali e trocava e vendia, era aquela coisa e daí surgiu era naquele grupo dos rolos que fazia, é vende galinha, compra porco, aquela, onde surgiu a ideia de começar, onde foi discutido um com outro, alguém da embrapa e foi com um com outro, até que o dom Moacir deu aquele ânimo, mas como, sem dinheiro todo mundo tava ixi, chegou eu nunca tive tanto problema que comecei a mexer com madeira, já sempre, nunca faltou meu serviço né, e mexia com máquina pesada para mim não tinha problema né, aí só que a gente via que era muito problema, aí foi, até que encaminhou, vão plantar plantar o que né , foi quando surgiu a ideia, coisas tarejão (17:36), quando nós tava com dom Moarcir em Rio Branco, na igreja lá, e tinha alguém, do , acho que é embrapa e tinha uns técnico no meio falando de cupuaçu, mair cupuaçu que diabo daquilo, nem sabia que diabo era aquilo, aí era bom a pupunha também que era mais pupunha, também, era um coqueiro, foi mas nós queria era fazer alguma coisa né, aí o cupuaçu, até que eles levaram a gente numa sorveteria lá aí chupemo, tomemo sorvete de cupuaçu, meio azedo mas, aquela foi indo, foi indo até que surgiu tem que fazer, aí o dom Moacir começou, cês faz um projeto, aí ele ajudou né, até inclusive que foi feito o primeiro projetinho, aí saiu, aí quando começou a primeira 85 família né, eu lembro que 86, e aí uma pessoa disse, não isso é coisa do diabo, isso aqui é coisa que vai engolir nossas terra, era uma pessoa da igreja evangélica, que eles tinham um negócio, eles era tudo, e aí não aceitou daí ficou 85, aí foi feito os primeiros projeto, dos primeiros sobrou não sobrou muito , mesmo os principais tá eu e o Sergio ali né. Os que mais, dos baixa verde foram logo em seguida dispois entraram também né, mas aqui dos primeiro que foi, foi ali e os outros não se já, ele vai indo, os filho vai embora, vai estudar, a pessoa já fica de mais idade que eu, Jaci tem 80 ano.

ENTREVISTADOR - O senhor levou quanto tempo para largar a madeira?

ENTREVISTADO – Isso foi começou ainda um ano 88/89 Já comecemos as primeira aí eu pedi a saída da Madeireira né, do japonês, aí falou por quê? Não, eu quero fazer o meu viveiro, não as mudas nós faz, eles iam viver de guaraná (19:27) bem grande ali na serraria né pode escolher o canteiro lá e mandar os cara encher a sacola e pode as mudas nós faz, e tú continua, aí melhor ainda né, aí foi feita a muda os cupuaçu tudo lá, aí continuei mais um tempo, porque ele não tinha muita fonte, aí quando a gente cruzou, não tinha motorista naquela época que ninguém sabia dirigir, era eu e Eugenio, quer era, tá em Porto Velho agora, aí a gente atendia, com não tinha como ele trabalha na empresa e atender. Aí, dispôs aí, eu que me afastei de vez, aí vem pro. Daí já segundo pro terceiro ano já começou as primeiras fruta, daí veio aquele ajuda de custo né, aí muito agricultor plantou e não tinha como, 4 anos esperar aí veio pelo Pemancir, um projetinho que foi feito também, através de Brasília, através dos padres né, tudo encaminhado, aí é onde veio uma ajuda de custo melhoria, não veio dinheiro, veio a melhoria, naquela época veio tanta, é demais foi demais, eu sei que era 8 ou 9 caixa de óleo, naquela época você podia estocar, não tinha de validade era briga, não tinha, hoje em dia, era trigo, mais é óleo e arroz que era principal que se veio, e feijão a turma plantava, feijão não era tanto, mai aquilo ali foi que deixou o agricultor lá fixo, porque senão o cara ía sair trabalhar e esquecia do sítio dele, esse que era o nosso problema

ENTREVISTADOR - Quando o senhor começou a plantar o cupuaçu, já plantou a açaí junto, ou veio depois?

ENTREVISTADO – O açaí veio despois. No início o açaí nós não, ninguém achava que aquilo ali, ninguém falou nada sobre isso né, o açaí surgiu mais que nós fomos brigar com os cabra que veio, os mareteiro para marretar o palmito, chegou uma fábrica de palmito, daí começou chegou que comprava pagava r$ 1 a cabeça de palmito, a turma roubando açaí na mata aqui! O palmito né. E aí um dia nós lá escondido mais comum para isso home. Brigar não adianta, se brigar é pior, né. Daí o jeito é, se nós tá aí, em Porto Velho estão fazendo açaí, Rio Branco tá fazendo, aí fomo comprar uma maquininha pequena e comecemo bater o açaí, comprar aí na época eu lembro que pagava era R$ 4 a lata e aí o cara tirava 1 lata num pé era R$, 4,00, tirava, cortava era R$ 1,00. Aí pronto o cara falido, ninguém mais vendeu, todo mundo segurou, aí conseguimo quebrar o cara sem sem brigar, nós compra a semente, se o cara quer vender palmito ele fica sem, assim todo ano ele tem né. Aonde surgiu né, ele tem que plantar, porque aí começou o plantio. Aí deu a ideia de touceira né, aí a gente plantou touceira e plantou o outro do Pará que era mais rápido aí foi plantado meu, mais bem dispois, aquele outro era muito demorado, mas não é nada, esse com 4 ano começou a produzir né, 20 ano que plantei esse aí já, 2001, 19.

O que o senhor considera que foi a sua maior dificuldade no início?

ENTREVISTADO – No início foi a venda ... ele foi, levei uma carga de cupuaçu pra Cascavel.aí foi aquela, ele foi, não tinha câmera fria, despolpava na mão, aí fermentava dentro da freeza, e era um problema, não tinha onde esfriar, e nós punhava tudo lá dentro, até que alguém falou oh tem que decici, aí nós compremo pela coca-cola, e foi e forneceu um monte de freezer, compremo, aí cada um comprou uma e deixou disponível até nos pontar acabou. Eu sei que fermentava era cupuaçu junto , aí despois conseguimo montar a primeira câmera fria. Aí dispois na hora da venda, aí um cara de Cascável, ía comprar, comprar, carreguei num caminhão, e levei pra lá. Caminhão cheinho. Aí descarreguemo lá, aí viemo embora, passou meio ano e o cara não conseguiu vender. Aí tá aí oh, eu não posso pagar não, não vendo. Aí fomo lá e trouxemo pra Cuiabá, tinha um rapaz, eu compro. Fomos buscar em Cascavél trazer em Cuiabá, e aí nisso já perdeu quase a metade, o cara vendeu, comeu, e alugou uma câmera, e aí foi sofrimento, e aí foi até que começou ir, tudo é formiguinha.

ENTREVISTADOR – Nessa época já tinha formado a associação?

ENTREVISTADO – É a associação foi no início né. Quando começou a associação foi, formou a associação pra poder vim verba né. Dom Moacir sempre anda, aí onde ele colocou, até que quando saiu o primeiro dinheiro, o projetinho aí ele falou óia eu vou pôr um homem de confiança, era seu Jampierry né. Você já ouviu falar do seu Jampierry, que tinha a varetinha, eu tenho o metro até hoje guardado comigo, que eu andava com ele no campo. É uma trena, um metro de taquara, aqueles antigo né, tá guardado ali. Fui lá o dia que ele tava numa caixa velha e esse metro, aí eu lembrei, nós ía pro campo, era um ex padre né, e pra mim, ele foi um professor, foi um pai, e foi tudo na vida. Ele chegava em casa sentava a Simone que era pequenininha, ela sentava no colo dele, e ele

fazia o papel de vô, de pai, ele era um cara, era um ex padre né, um padre né conseguia orientar, e ele era radical também, não tinha esse negócio de dizer que passar a mão não, com ele não tinha isso não. E quando pegar, quando nós ia pra Rio Branco chegava alguém, tú conhece? Não, então pode ir embora. Só para, pra quem você conhece. Porque nunca se sabe quem ce tá. Então naquela época nós dava carona pra todo mundo, e aí quando ele chegou, não não não não. Aí a gente costumeiramente, ele não conheço, não tem, não para. Ele aqui cortou na época, mas ele disse que na França já tinha muito problema. Porque ele veio da França né.

ENTREVISTADOR – O senhor disse que não conhecia o cupuaçu.

ENTREVISTADO – Ninguém conhecia. Tinha uns pé ali pra dentro, eu plantei um pé, tá na casa ali. Aquele pezinho ali, foi plantado antes do RECA. Eu plantei mas não sabia que o nome era cupuaçu, o cara trouxe a semente e disse vou te dar uma semente e tu planta. Cê é do Sul é plantador, plantei 2 mudinha ali, aí começou. Daí quando surgiu o RECA e o cupuaçu, mas aquele era o verdadeiro.

ENTREVISTADOR – Quem que fez as orientações de plantio, como que foi esse processo?

ENTREVISTADO – O plantio através do Embrapa, mas eles também não sabia, a técnica aqui e ali, todo mundo, mas a ideia de como se planta, é o ... a cova, aí era outros planos também né. Aí foi que surgiu, tem que ser isso e acabou.

ENTREVISTADOR – Alguma coisa chegou a dar errado nesse início de plantio?

ENTREVISTADO – Não saiu porque no plantio, só deu umas folharagem, que as pessoa só pregava na terra tabatinga, onde nós falhamos todos né. O cara que plantou e nós como liderança também não sabia disso também não. O cara fazia, limpava e daí ninguém sabia, não tinha trator e grade, nada, e foi a sorte, se tivesse gradeado, a terra de gradeado não é bom pros plantio. Terra se gradiou, ela não é tão bom, foi numa terra com cinza se queimou aquela capoeira né, aí que ela vem, parece que tudo que é inseto morre, tudo né, naquela época. Mas hoje a turma usa mais na grade né, mas é bom se for limpeza, roçar, trator.

ENTREVISTADOR – Foi aprendendo meio que no erro e acerto. Tinha alguém desse grupo que conhecia?

ENTREVISTADO – Não da nossa turma não. Todo mundo ouviu falar, e a gente ía atrás a quem, em Rio Branco tinha uma sorveteria, e a gente conversava com ele, o que que sobre o cupuaçu.

ENTREVISTADOR – Mas ele era vendedor, certo?

ENTREVISTADO – É ele comprava dos cara dos ribeirinho, aqueles pessoal que tinha todas as espécies, pé num canto e no outro né. Aí usa assim e assim, como dom Moacir também falava, a gente já foi logo. Mas ia mudar. Aí fomo no escuro, tiro no escuro, se cair tudo bem né.

ENTREVISTADOR – Depois disso, houve algum curso para aprimoramento?

ENTREVISTADO – Daí muito tempo, muitos cursos o EMBRAPA dava, mas eles tinham aprendido com nós. Muitas vezes o técnico pode não saber nada, mas ele sabe, chega ali ele pergunta pra um e pro outro, que ele consegue dispôs saber o que deu certo e o que deu errado. Até na EMBRAPA, nós fomos lá e ficamos quase 12 dias lá com a EMBRAPA no início, pra eles fazerem quais os melhores projetos né. Também, quem plantou, qual a melhor distância, aquilo foi feito também estudo, eles vieram e tiraram. Levaram nós pra Rio Branco, foi reuniões e reuniões pra poder. Fala quem plantou: ah eu plantei esse espaço deu melhor, aquele espaço é muito junto e aí aquilo foi discutido, pra eles poder montar. Mas aí eles vão passar pra frente.

ENTREVISTADOR – Depois disso vieram outros treinamentos? Ou vocês que sempre foram na tentativa do acerto e erro?

ENTREVISTADO – Quase sempre no acerto e erro. Mas, teve muitos cursos sim, com certeza. Que nem até hoje ainda tem. Por exemplo o café já tinha, a gente foi atras, o cacau, essas coisas todo mundo já. Mas o cupuaçu não tinha, o cupuaçu nosso era na frente, não tinha como se espelhar com ninguém.

ENTREVISTADOR – Quando tinha os treinamentos, o senhor acha que isso ajudava vocês?

ENTREVISTADO – Ajuda. Por que muitas vezes você chega lá o cara vai falando as vezes de 10 palavras que ele fala, 2 ou 3 a gente aproveita bem né., Ele pode tá errando, mas muitas vezes, você sabe que aquilo que ele errou, você pode corrigir. Ou você fez aquilo, a mesma coisa, e logo tem que olhar a terra, porque a minha terra é vermeia, terra, 13 metros de fundura, você não acha a tabatinga, dessa mesma terra ali né.

ENTREVISTADOR – Quando tinha esses treinamentos, vocês aproveitavam pra aprender algo e ajustar dentro da realidade de vocês, certo?

ENTREVISTADO – Isso, fazia uma salada, quando tinha reunião de coordenação, até hoje, era uma reunião por mês que acontecia, se passava, quando tinha assembleia era aquele momento de se passar o que aconteceu, alguém reclamava. No início nós tinha o agricultor técnico, era um agricultor nosso que ele tinha mais facilidade, aí ele que ia pro campo, ele que ajuntava, melhorar a ideia de um e de outro, era um agricultor técnico, nosso agricultor era um técnico. Ele que fazia. Dispois nós comecemo a visita de grupo, né. A visita de um grupo levava pra outro grupo numa área.

ENTREVISTADOR – Seria um dia de campo?

ENTREVISTADO – É, pegava um caminhão, podia por em cima naquela época né, jogava, enchia o caminhão de um grupo todinho levava. Aí escolhia na reunião, aí fazia. Cada um trocava.

ENTREVISTADOR – Depois vocês começaram a ter técnicos mesmo

ENTREVISTADO – Porque na época, o EMATER, o CIATER do Acre, eles forneceu uns técnico pra nós. Ficou Dionisio, que até faleceu já. Ele ficou 2, 3 anos, porque ele foi emprestado do governo através do bispo Jean Pierre tava com nós. Jean Pierre era do

CIATER né. Aí ele que emprestou pra nós, e ele ficou. Só que eles também, eu lembro até hoje, que eles eram mais aprendendo do que sabendo também. Mais eles andavam, tinha um carro a gasolina, e eles andavam fazia, tinha um gurgelzinho na época, era só o Gurgel que fazia essa.

ENTREVISTADOR – Então a discussão entre os vizinhos foi o que mais ajudou vocês?

ENTREVISTADO – Ajudou, apoiou. A e no inicio também, o buraco era de 40x40 e era 1 lata de esterco, de adubo orgânico pra por em cada cova, se não fizesse, não tinha, não era liberado nada. Eu sei que comprei 2 caminhão cheio de esterco do rapaz ali. Era o maior comprador de merda daqui. Aí ponhava, chegava a ficar cru isso aqui, de tanto carregar, carregava 2 latas, ponhava e levava nas cova, carregado, dentro de uma caixa tudo fermentado já. Aí tirava aquela terra, a de cima num lado, a de baixo no outro aí dispois pegava o esterco com aquela terra de cima misturava, aí ponhava na cova e dispôs plantava a muda ali. Hoje em dia tem muita gente, ah não dá, tanto curso e tudo o cara ainda faz um buraquinho desse tamanho enfia a sacolinha ali. Já tem lugar que o cara morreu, fomo lá ve o cara plantou foi com sacola e tudo. É. Nós temo gente, é pessoas novo que entra e o negocio deles não é endereço, era ah tem uma verbinha, tem um financiamento, eu quero. E isso aí nós sempre fala, nós tem que voltar aquela época, tem que, quer plantar, quer, tem um projeto, tem, mas essa é a regra, tem que plantar dentro do padrão. O pessoal hoje mais novo não faz isso. É difícil a turma fazer isso. Daí não tem, a terra ali dura, firme e naquela época não se fazia nada, nós joguemo calcário dispois, Hoje não, hoje já tem tudo na mão né. Hoje ce vai plantar, faz uma área ce sabe quanto calcário vai e adubo, adubo orgânico mermo e.

ENTREVISTADOR – Se for comparar a sua produção de quando começou pra como ela é hoje, tiveram muitas mudanças?

ENTREVISTADO – O cupuaçu é muito alto e baixo. O cupuaçu no inicio ele começa subir, ce vai. Eu comecei, eu lembro no início eu vinha de bicicleta, eu vinha de manhã e carpi e levava um saco de cupuaçu ao meio dia, de tarde ela vinha junto, aí vinha na mesma bicicleta, no varão na frente, na volta o cupuaçu na saca atrás. Ia daqui até e morava lá onde ele mora lá (Fábio), E nós ia até lá. Levava o cupuaçu, isso era no início, aí foi indo devagar, aí daqui a pouco foi pra mil kilo foi pra 2, foi pra 7, foi pra 15, aí foi subindo. Aí dispois vai pra 30 vem pra 20, vai pra 40, ele tem, tem seu tempo. Quando tá desgaste muito, quando ele carrega muito, já não tá mais com aquela força. Mas aí o cara tem que, não tá 100 por cento, se tá adubando. O adubo, se o cara não adubar vai desgastando.

ENTREVISTADOR – Nesse período houve alguma mudança? De adubo, ou preparação, ou teve algo diferente no processo?

ENTREVISTADO – No início, era tipo era por na cova, aí dispois surgiu tem que por calcário, aí joguemos de qualquer jeito, aí foi feito como é tem que fazer análise, aí vai foi análise. Agora não, agora já tem análise pra um adubo, pra nós que é orgânico, área orgânica né. Aí já vem de fora o pó de rocha, as coisa tudo já vem só orgânico. Que hoje

já temo aqui no RECA já, feita do resíduo mermo né. E aí já tem aquele pó da pedra brita e também você vai.

ENTREVISTADOR – Em relação a administração da gestão da propriedade. Houve mudança do início para hoje?

ENTREVISTADO – Olha a gente é meio criado naquele sistema radical, tem que tá na linha, teve cursos também sobre a gestão, com certeza ajudou. O cara vai e as vezes tu não consegue 100%, mas aí arguém vai. Veio um rapaz, que é um professor do Rio Grande do Sul, ele tá hoje no Sebrae, eles iam contar e pedir pra nós. Ele tá em Porto Velho num órgão, ele aqui deu 3 cursos e eu fiz os 3 cursos. Ajudou muito, porque aí você consegue se orientar. Muitas vezes você consegue mais falta aquele ajuste né. Porque eu tenho um outro sítio aqui com gado, lá não misturo com esse aqui. Se algum lugar não deu lucro, você tem que parar e geralmente onde falhou o que que vai fazer, ou muda alguma coisa né. Se o cara continuar batendo, mexendo com trunfas, tudo ali, cada vez. O que que você gastou pra fazer isso, e aí não adianta você fazer 10 tipos de coisa, se 1 da prejuízo, aí para aquele 1. Aí 1 tá cobrindo o outro, aí não dá. Tudo é a merma coisa, a empresa.

ENTREVISTADOR – Em relação a tecnologia, houve alguma mudança pra enfrentar o dia a dia?

ENTREVISTADO – Não aqui. Quando comecemo era na foice e aí o fogo e plantio, boca de lobo. Agora. Aí dispois foi pra enxada, limpava na enxada, isso tudo era limpado na enxada. Aí logo em seguida surgiu as roçadeiras, né. Aí era roçadeira. Aí logo em seguida surgiu o trator, aí sempre acompanhei, senão não adianta. Aí tenho um trator, tenho 8 implemento entre a pazinha pra facilitar você carregar adubo, ai tem a gradizinha pra você facilitar fazer um plantio

ENTREVISTADOR – Você fez alguma implementação nessa tecnologia?

ENTREVISTADO – Não ela já vem pra esse tipo de serviço. Aquela grade é, pra gradear a terra, uns chamam de arrastão mas é a grade né.

ENTREVISTADOR – Considera que houve melhorias de bem estar na qualidade de vida na família?

ENTREVISTADO – Melhorou porque ce tirou o peso mais né. Enquanto muita gente tava na roçada ali tudo no manual, o trator com 4 dia faz tudo. E o cara vem aqui só pra catar e levar, rapidinho faz, aí já melhorou muito porque carregar nas costas, já fiz tudo. Ai o trator passa, o cara já deixa ali, já carregando, o trator já faz tudo, tem uns que traz aí mil metro nas costa pra levar onde tá , tem que melhorar, tecnologia tá aí pra isso. O principal é um tratorzinho é o que mais ajuda .

ENTREVISTADOR – Em relação aos recursos internos? Vocês reaproveitam?

ENTREVISTADO – Tudo. De planta aqui não se perde, exemplo tem japa de caba, plantada não é pra enfeite não, é faz a geléia. Aí gengibre. O gengibre ela faz o aproveitamento, tem que fazer o, aí planta mandioca pro RECA vender aquele

mandioquinha frita, aí faz aquela mandioquinha e tudo que é plantado tem que ser aproveitado pra ela se pagar. È o máximo que se pode aproveitar, aproveita o máximo da tua terra né. Ela sempre dá lucro né mas você tem que tá junto.

ENTREVISTADOR – Como é feito o controle da produção e o controle da qualidade?

ENTREVISTADO – Da qualidade do fruto, que você quer dizer, a gente já leva daqui o máximo que puder, dispois no final na fábrica é o final né. Mas daqui já sai a seleção, se a fruta meio estragada ou brocada, mas ali já tem, já faz um buraco e joga dentro do buraco né. Dispois tampa e ele vai apodrecer ali.

ENTREVISTADOR – Teve alguma tecnologia que o senhor não conseguiu adquirir?

ENTREVISTADO – Uma coisa que nós tamo tentando a muito tempo é aquele um trator pra subir, o trator pra buscar o açaí lá em cima nós tamo já vendo qual seria mais fácil, adaptar o trator atrás um pistão, alguma coisa igual troca luz. Um pistão, alguma coisa, pra pegar pupunha, pra não sofrer, porque a pupunha, tira e cai no chão, o cara esse faz. Esse seria muito bom pra o açaí não precisa ficar subindo, você vai lá o cara tira já poe na cesta, o cara ali desce ali e rapidinho, evita tudo e a mão de obra, não precisa ser um cara que tem que subir, você poe uma pessoa que, e a cesta tá segura ali dentro, e aí a terra é plana, aí o cara trabaia, pra pupunha e açaí era excelente.

ENTREVISTADOR – O melhoramento dos resíduos é feito via cooperativa?

ENTREVISTADO – É porque tudo que eu levo pra lá, ela é triturada, e lá ela é feito a mistura né.

ENTREVISTADOR – Isso facilitou a redução dos resíduos?

ENTREVISTADO – É, porque era um lixo, pra nós era um lixão, mas não era um lixão de plástico. Era um lixão de casca, mas não deixava de ser um lixão que ficava ali. Aí nós tinha uns cabra sem vergonha que fim de semana época de verão pegava fogo, era um fogarel, aí você não apagava mais. O cupuaçu, a casca do cupuaçu, dispois que pega fogo aí ela é meio murcha ainda né, parece que aí não apaga não, vira tudo cinza, e assim nós tinha vários problemas, aí foi. Não tinha aquela terra pra cima onde é o adubo hoje, não era nosso. Nó compremo despois, Nós ponhava na terra dos vizinhos pra alguém ah pode jogar ali, aí jogava era muito né, não tinha. E aí hoje virou adubo, tem a limpeza e ela volta pro sítio. E o preço de custo, tem um custo não tem como o RECA fala ah pega de graça. Aquele que não pega adubo lá, ele tá pagando pra fazer com outro né. E cada um usa o mínimo, foi feita a soma, tanto a máquina trabaiou e divide, dá 6 centavos por kilo.

ENTREVISTADOR – O que o senhor considera que tem de diferente que agrega valor ao seu produto.

ENTREVISTADO – A floresta formada. Hoje se tem, se andar na floresta, ce vai no meio de um pasto, é o boi só acabou. E ali é a floresta, onde ce tem a outra família que trabaia, tem a parte dele né e ela tá formada ali não tem mais o que ficar. Que nem soja o cara tem que plantar todo ano, tava vendo hoje um rapaz falando lá no Mato Grosso que eles

plantaram tudo soja, agora faltou, tem que replantar tudo de novo, isso vai dar um custo muito alto pro fazendeiro. Só que ele vai aumentar, quem vai pagar é nóis que consome né. E aqui não se der um solo a mais, tá ali plantado, ele vai parar, vai produzir mais tarde, mas vai sempre vai. Investir não tem, se joga o adubo, não perde, ele tá ali.

ENTREVISTADOR – Em relação ao mercado? É via cooperativa

ENTREVISTADO – Cooperativa e o rambotam pra outros mercados. O Araújo é o mais forte.

ENTREVISTADOR – O senhor considera que seus produtos tem boa aceitação pelo mercado?

ENTREVISTADO – Até agora tá tranquilo. Até agora não nada que empacou.

ENTREVISTADOR – O senhor acha que o nome RECA hoje facilita a venda para os agricultores?

ENTREVISTADO – Com certeza. Muitas vezes a nossa turma não consegue enxergar o RECA como o RECA é. Tem muito agricultor que não enxerga. Quando você viaja pra São Paulo, ou qualquer outro lugar, quando alguém apresenta tal demonstração é exemplo lá do RECA. Você fica, tem horas que você fica, po a gente é considerado, você tá ali sentado quietinho, ce é do interior, e o cara lá tá só de gravata apresentando, e alguém apresenta, várias vezes já aconteceu. Eu lembro que fui num lups Rio verde num encontro num sindicato lá. Quando pegou de todo o Brasil veio gente. Aí quando cheguei, já tava meio atrasado já né. quando cheguei daqui né, já tinha iniciado, aquela roda de gente sentado num salão muito grande, e o presidente do sindicato que tava fazendo a frente, ele veio aqui, mas eu na época convercemo com ele, andemo ali, aí tava no RECA, e a gente sempre recebe bem o cara, tem que recebe bem. Aí quando cheguei ali, a moça que tava recebendo ali, aí já tinha lugar certo pra sentar. Quando ele viu, parou a conversa e aí ele deu, levantou e pediu pra todo mundo bater palma que esse é o RECA que eu falei há pouco tempo, ele já tinha falado sobre o RECA. Esse tá representando o RECA, o nosso RECA, ele já falou, aquilo li já, tudo aquele pessoal, tudo gente de gravata e sem camisa mesmo. E daí a gente ve que lá fora, o RECA é muito mais em visto do que nós mesmo. O pessoal não consegue, não ve, não tem noção. É quando a gente viaja ve, agora quando o cara não viaja, o cara não tem essa noção, não tem nem. Mas é o nome ajuda muito com certeza. Quando ce tá num lugar, ah. Muito lugar em Rio Branco eu sou conhecido como o seu RECA, ah como é que tá o nosso RECA, o seu RECA, eles reconhece a gente como RECA né.

ENTREVISTADOR – Então o senhor acha que o nome RECA faz com que tenha melhor aceitação pelo consumidor?

ENTREVISTADO – É, porque o iní cio do RECA sempre foi aquela merma meta do RECA né. Procurar fazer o certo. O agricultor familiar, aquilo é uma visão pra muita gente né. E você não pode fazer um produto e não é aventureiro, o RECA não veio pra aventurar, veio pra fazer e ficar né. Porque muitas vezes as pessoas vem, monta uma fábrica de

palmito e faz aí se der zebra, fecha a porta, vai embora e acabou. E aqui o RECA não veio pra isso né.

ENTREVISTADOR – Essa questão da sustentabilidade teve a ver com Jean Pierre, com o bispo Moacir ou foi posterior?

ENTREVISTADO – Tudo ajudou. Eles vieram mais pra ajudar a organizar, organizar nos projeto, sim radical, porque sabia que não podia passar mão no amigo, sempre tem aquela historinha né. E ele já era, ele veio como amigo, mas amigo a parte, negócio outro. Ele veio, daí ele veio mas pra organizar. Aí através dele a gente veio, mas a maioria aqui foi feito entre nós mesmo né.

ENTREVISTADOR – Porque vocês não eram orgânicos desde o início. Ou já tinha essa preocupação desde o início?

ENTREVISTADO – Não, mas porque não tinha adubo. Aqui era tudo orgânico, no esterco, não podia ser química. Até também , porque o químico também era difícil e era caro, ninguém tinha dinheiro, aí a gente partiu pro lado do esterco de boi, do que tinha um velho tinha um negócio de leite, a gente ia partir pra.

ENTREVISTADOR – Mas então não era uma questão de conscientização ambiental, era uma questão de necessidade?

ENTREVISTADO – É de necessidade. Pra poder vir uma muda boa né.

ENTREVISTADOR – Hoje já existe mais conscientização.

ENTREVISTADO – É e a procura hoje ce fala alguma coisa, orgânico. E ai já é obrigado quase a mudar. A meta do RECA era 100%, daqui próximo já, mas é muito difícil. A gente disse isso, já é quase 20 anos que eu estou no orgânico já. A gente vai aprendendo, não consegue, porque se vai e só pega 2, 3 , ah o outro, aí fica, a turma fica naquele negativo né. é um adubo, é tão fácil passar o veneno é tão fácil. Só que na hora da venda a partir, não vai demorar muito tempo, não vai, não vende mais e aí? Será que nós vai ter que fazer o que dispois né. Vai jogar fora? O produto vai querer só se for orgânico. Isso vai chegar uma hora vai chegar.

ENTREVISTADOR – O senhor considera que o mercado está fazendo isso?

ENTREVISTADO – Tá exigindo. Quem andou muito foi o Fabio, ele sabe também disso, porque onde nós temos. A Alemanha tem uma feira de mercado, orgânica. É convidado pra ir, né e traz muitos feiras por aí que por causa do orgânico que o RECA tá no meio.

ENTREVISTADOR – Então essa relação de enraizamento de relações produtores, cooperativa, associação, isso realmente é muito forte?

ENTREVISTADO – É a cooperativa surgiu, porque a associação não podia mas nota, não podia mais negociar naquela época, muita gente era contra, não quiseram aceitar a cooperativa de jeito nenhum, mas não teve jeito porque aí era hora de comercialização. Aí surgiu a cooperativa, aí uma no social e a outra. E até hoje dá problema na cabeça de muita gente aí. La dentro na prestação de conta, quando é difícil o cara. Aí vai fazer

compra, tal e tal coisa, aí igual vou comprar, a nota vai no nome de quem. Tem horas que você.

ENTREVISTADOR – Você, como agricultor é vinculado só a cooperativa RECA, ou a outra também?

ENTREVISTADO – Não. Eu só do RECA mesmo. Na associação no início e despois fui um dos primeiro da cooperativa. Aí negócio de plantio é só ali mesmo.

ENTREVISTADOR – Você tem alguma ajuda de outra instituição, política pública, ou outra?

ENTREVISTADO – Não, não. Ajuda que tinha, sempre trabalhei no RECA. Tinha ajuda de custo. Mas agora não.

ENTREVISTADOR – O que de diferente. No caso a cooperativa ajudou muito no processo. O SAF. O fato de serem orgânicos.

ENTREVISTADO – Nós temos uma empresa aqui que tá comprando do RECA por causa do orgânico, que é a Natura, não tem. Ele no início em 81, não em 2001, eu lembro das primeiras negociações, eu sempre participei. Aonde eles vieram e queriam que nós tivesse um registro. E nós não temo. Não é difícil. Nós entremo na OSS que é associação do Acre de orgânico, aí eles não nós temos a IMAFLORA que é florestal, mais não sei o que não sei o que. Não, nós banca. Eles bancaram muitos anos, eles vinham, e certificou. Aí dispois vimos que nós vender pra fora, ela não podia, era só nacional, aí entremo no IBD, aí fizemo o IBD, e daí no início eles ajudavam com a metade, aí dispois no final, assumimo nós mermo pagando os custos né. Aí ela mostrou desse início sempre falou que nós sempre vendia o verde né. E agora hoje não podemos furar. Aí dispois agora veio o carbono, que é um modo deles, o carbono pra ve se realmente somo aquilo que nós prometemo. A gente faz uma promessa no início que nós vamos segurar o verde, o máximo que pode né. E aí eles compram, eles podiam comprar em outro lugar, mas eles compram porque a cooperativa é organizada né. E essas brigas do carbono até hoje a gente tem, tem agricultor que ainda, aí não fala nada e quando ve já derruba, não é fácil, fácil não é não.

Léo - Essa questão do carbono, não precisa ser mata nativa, o SAF já vale?

ENTREVISTADO – O SAF acima de 10 anos já vale. Mais novo ele não tá fazendo. Mas acima de 10 anos já. O meu tudo já entra já. É porque o mato é outra coisa, mas só que o SAF já entrou. Daí o SAF já vendeu o carbono, não vou derrubar mermo, tá ali. A única coisa que o cara. O que vier.

ENTREVISTADO – N inicio algum chegava dizendo não tem o que comer, e a gente da liderança não tinha dinheiro no caixa pra ajudar. Aquela turma que começou o RECA era tudo um monte de criança, era tudo molecada novo. Nós era 2 menininha nova. A Simara que tá lá, ela nasceu no ano que o RECA nasceu, ela era da mesma era né. E aí as crianças vai, nós ainda morava na vila tinha meu trabalho, não tinha. Mas aquelas pessoas que vieram de fora, aí foram na mata fizeram um ranchinho ali, começaram a plantar e ia comer o que? 4 ano. Aí ia trabalhar fora, aí a gente via que ele tava

abandonando, já não ia mais cuidar o sítio, aí fazia multirão ia lá, pessoal da vizinhança ia lá e limpava, pra poder apoiar, tem que ver esses custos aí mas é uma batalha, muita gente desistiu, não aguentou, mas aqueles que guentou, graças a Deus hoje a maioria tá bem. Foi sofrimento, mas. E eu acompanhei o sofrimento desde o início e até hoje acompanho. Eu me lembro bem que as primeiras viagens pra Rio Branco, nós ia pra Rio Branco em cima de caminhão de carona de carro. Não tinha minha Toyota primeira, aí tava pra Rio Branco todo mundo chegava sujo com a cara toda sujeira, pó, no inverno era moiado, aí pra comer era todo mundo contadinho o dinheiro no bolso. Chegava comprava no restaurante um prato com comida aí nós pegava uma colher cada um e comia no mesmo prato. Lá na frente outro comprava um prato de comida e comia, e era na brincadeira, era tudo. Aí a turma levava muita farinha aí com pastel de feijão jogava farinha dentro, aí aumentava. Ou nós levava farofa de casa, fazia ovo misturava com farinha e tudo. É difícil nós andar com conserva, antigamente que abria com a chavinha, aquela fechadinha na mochila com. Água você achava em qualquer lugar. Teve uma vez que fomo pra Rio Branco, dom Moacir mandou a gente tomar banho, aí cheguemo lá, só sei que tava tudo sentado, era uma baixinha a secretária dele. Mandou senta todo, que o bispo já vinha. Quando ele chegou, viu olhou pra um pra outro e eu sei que o mais sujo era o João, João da linha 5, era sujo que só. Era eu, o Sérgio, aí o Moacir olhou, falou chamou a Luiza, Luiza era uma irmãzinha bem baixinha, ele falou leva eles pro banheiro, é bom eles tomarem um banho porque tá, do jeitão dele né. Mas a gente entendeu que, aí um começou a tirar sarro do outro, ah você tá mais sujo, a tá um porco, falou com jeitinho, mas a gente sabia que, como é que eu vou levar ali pro meu escritório. Era tudo lama. Aquelas sacolas tudo suja. Só faltava falar ces tão de roupa suja, só faltava falar isso né. Aí todo mundo saiu com cabelo meio molhado, tudo meio lambido assim e ficava quietinho, tudo doido pra ver o que eles tinha pra oferecer pra nós, era todo mundo doido. Aí ele era um homem muito sábio, muito inteligente né. Um catarinense bem. Aí ele já sabia colocar, já pediu desculpa, o cara era muito. Já deixou nós, começou brincar também, bem brincalhão.